

O Pensamento de Oswaldo Porchat

The Thought of Oswaldo Porchat

Bruno Pettersen*

RESUMO: O objetivo do artigo é o de apresentar o pensamento de Oswaldo Porchat a partir de suas duas fases de reflexão. A primeira fase pode ser datada de 1968 até 1986 e é marcada por vários aspectos como a constatação da multiplicidade de sistemas filosóficos incomensuráveis, a proposta de uma reflexão a partir de uma “visão comum” e finalmente uma recusa do ceticismo. A segunda fase do pensamento de Porchat é inaugurada em 1991 e é marcada pela sua adesão ao ceticismo pirrônico, inaugurando o neopirronismo. Além destas duas fases discutiremos o papel de Porchat na formação do debate cético no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Porchat. Neopirronismo. Ceticismo.

ABSTRACT: The purpose of this paper is to present the thinking of Oswaldo Porchat from his two phases. The first phase can be dated from 1968 to 1986 and is marked by three aspects such as a realization of the multiplicity of incommensurable philosophical systems, the proposal of a reflection from a "common vision" and, finally, a refusal of the skepticism. The second phase of Porchat's thought was inaugurated in 1991 and is marked by its adherence to the Pyrrhonic Skepticism, inaugurating his Neopirronism. Besides

* Professor Adjunto da Faje – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Belo Horizonte, MG).
E-mail: brunopettersen@gmail.com.

these two phases we will discuss the Porchat's role in the formation of the skeptical debate in Brazil.

KEYWORDS: Porchat. Neopirronism. Skepticism.

Introdução

Oswaldo Porchat Pereira (1933-2017) nasceu em Santos (São Paulo) e é professor emérito da Universidade de São Paulo. Sua filosofia tem uma marca decisiva na vida filosófica brasileira, tendo influenciado de modo direto ou por vezes indireto, vários dos pesquisadores mais influentes do Brasil.

No meu caso, devo dizer, tive o prazer de encontrar Porchat por quatro vezes, três vezes em apresentações pelo Brasil e uma vez em uma visita em sua casa para debater aspectos da minha tese de doutorado que versava também sobre sua filosofia. Foram encontros especiais onde pude observar a reflexão de Porchat, marcada pelo seu grande conhecimento mesclado com uma generosidade enorme. Acredito que este depoimento pessoal destaca algo comum percebido por aqueles que conviveram com Porchat e que pode ser confirmado neste trecho onde Smith¹ coleta opiniões sobre Porchat:

Hoje, Porchat é um consenso entre os filósofos. Roberto Horácio de Sá Pereira, professor da UFRJ e que se inclui entre a “imensa legião de seus amigos e admiradores”, identifica algumas de suas virtudes que somente quem convive com ele pode testemunhar: “Integridade, autenticidade e, acima de tudo, imensa generosidade”. Lívia Guimarães, da UFMG, reconhece que “em cada texto seu que leio, repete-se o mesmo encontro feliz com sua humanidade, inteligência, humor e curiosidade”.

Neste artigo, nosso objetivo é fazer uma breve apresentação da filosofia de Porchat. Para tal dividiremos o texto em três partes: na primeira faremos uma apresentação geral do percurso de Porchat na academia brasileira, seguida de uma apresentação de seus textos. Na segunda parte apresentaremos a fase não cética do pensamento de Porchat. Na última parte mostremos o seu Neopirronismo.

1. Apresentando Porchat

A obra de Oswaldo Porchat é uma das mais importantes para a academia filosófica brasileira. Ele se destaca não apenas como um grande filósofo, mas como pesquisador,

¹ SMITH, “Oswaldo Porchat e o ceticismo no Brasil”.

professor e como um articulador da vida intelectual, tendo auxiliado a fundar um instituto de pesquisa (CLE- Unicamp) e fomentado a cultura de colóquios no Brasil. Abaixo apresentamos uma breve lista dos marcos da atividade acadêmica de Porchat:

Cronologia Acadêmica de Oswaldo Porchat²

- 1952: Começa duas graduações: Letras Clássicas e Direito.
- 1956: Tem contato com a Filosofia Antiga, através das aulas de Lívio Teixeira.
- 1957: Vai para Paris fazer mestrado em Letras Clássicas, mas acaba fazendo Graduação em Filosofia, muito influenciada pelas aulas de Granger e Goldschmidt.
- 1959: Conclui da Graduação em Filosofia na França.
- 1959-1961: Tem um período de estudos na França, que são a base para sua tese de doutoramento.
- 1961: É nomeado professor da USP - Universidade de São Paulo.
- 1963: Traduz, junto com sua esposa, Ieda Porchat, o livro de V. Goldschmidt, *A Religião de Platão*.
- 1967: Defende de sua tese sobre Aristóteles na USP.
- 1968: Escreve seu primeiro artigo autoral, “Conflito das Filosofias”. **Início da Primeira Fase.**
- 1969-1970: Faz Pós-Doutoramento na Universidade da Califórnia, Berkeley, sob a tutela de Benson Mates, no tema da Lógica Formal.
- 1975: Porchat sai da USP e funda o departamento de Filosofia na Unicamp – Universidade de Campinas. Lá cria o CLE (Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência). Na Unicamp, é responsável também pela criação da revistas *Manuscrito*, *Cadernos de Filosofia e História da Ciência* e do *Journal of Non-Classical Logic*.
- 1983: Realiza Pós-Doutoramento em Londres.
- 1984: Nomeado "Cavaleiro da Ordem das Palmas Acadêmicas" pelo Governo Francês.
- 1985: Aposenta-se da UNICAMP e volta a contribuir na USP, agora principalmente em orientação e pesquisa.
- 1986: **Último artigo da Primeira Fase.**
- 1991: **Primeiro Artigo da Segunda Fase.**
- 1993: Publica sua primeira coletânea de artigos: *Vida Comum e Ceticismo*.

² Essa cronologia foi retirada de nosso livro, *A Narrativa Neopirrônica*, p. 75-6. Ela foi feita a partir da consulta de várias fontes, a saber: GIANNOTTI, “Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva – Professor Emérito”, 2000; PORCHAT, “Bate-papo estudantes sobre o estudo de filosofia na universidade brasileira”. 2005; PORCHAT, “Discurso de Professor Emérito da FFLCH-USP”, 2005; PORCHAT, Entrevista - "Oswaldo Porchat, 1993", 2000; SOUZA, “O Filósofo dos homens comuns e o professor democrático de Filosofia”, 2005.

- 2001: Nomeado Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
- 2001: Publica sua tese de doutorado em Aristóteles, intitulada *Ciência e dialética em Aristóteles*.
- 2007: Publica o livro de artigos *Rumo ao Ceticismo*.

Neste nosso artigo, focaremos apenas nos textos que ele produziu e deixaremos a sua atividade docente e administrativa para outro momento.

A obra filosófica de Porchat é bastante significativa, mas é curta. Destaquemos três delas. A primeira e a que tem um cunho histórico é sua tese de doutorado intitulada *Ciência e Dialética em Aristóteles* que foi publicada em 2001. Essa obra é muito importante nos estudos sobre Aristóteles, mas até onde percebemos não é central para a elaboração de sua própria filosofia. A segunda obra e a terceira são respectivamente os livros *Vida Comum e Ceticismo* (1993) e o *Rumo ao Ceticismo* (2007) ambas coletâneas dos seus ensaios produzidos entre 1968 até 2005. Essas duas obras são caracterizadas por textos redigidos quase sempre em formato de ensaios, escritos na primeira pessoa do singular e marcados por uma imbricação entre vida e obra. O *Vida Comum e Ceticismo* foi composto pelos ensaios publicados por Porchat até 1993. Em 2007, a coletânea *Rumo ao Ceticismo* publicou todos os artigos da filosofia de Porchat, incluindo aqueles anteriormente publicados em 1993. Atualmente a edição usada para se investigar a filosofia de Porchat é a *Rumo ao Ceticismo*.

De um modo geral, a obra dele conta com *duas* virtudes no cenário filosófico brasileiro: ela é original e foi debatida pelos seus pares. Vejamos como estes dois pontos podem ser compreendidos.

A natureza da filosofia no Brasil é complexa, especialmente devido a uma dificuldade dos autores brasileiros se colocarem na busca de uma reflexão pessoal e original. Foi na busca de uma filosofia que refletisse quem ele era que Porchat dedicou seus trabalhos. Os ensaios produzidos por ele ao longo de sua vida são um retrato de seu percurso pessoal e por isso revelam algumas mudanças de posição que ele passou ao longo de sua produção. A filosofia para Porchat é sempre um empreendimento de reflexão original, pessoal e sincera.

É também digno de nota que os textos de Porchat foram continuados ou debatidos por todo o Brasil, sendo ele um caso por vezes incomum de filósofo brasileiro: aquele que é lido pelos seus colegas. Podemos destacar como interlocutores filósofos tais como: Bento Prado Junior, Danilo Marcondes Filho, Ezequiel Olaso, Hilan Bensussan, José Gianotti, Livia Guimarães, Luiz Alves Eva, Luiz Henrique Dutra, Paulo Faria, Paulo Margutti, Plínio Junqueira Smith, Renato Lessa, Roberto Bolzani Filho, Roberto Horácio, Tércio Ferraz, Waldomiro Silva entre outros. Nessa curta lista, podemos notar vários dos mais importantes filósofos e pesquisadores brasileiros, todos eles interessados em debater

a posição de Porchat. Talvez Porchat seja um dos casos mais bem-sucedidos de uma criação de um cenário de debates no Brasil.

Tendo brevemente apresentado o impacto de Porchat na academia brasileira, nos dedicaremos agora à sua obra. De um modo geral, sua reflexão foi marcada por várias fases, sendo uma anterior ao ceticismo e outra com a instauração desta corrente. Para fins de apresentação, faremos um apanhado da fase pré-cética e depois nos concentraremos no seu ceticismo.

2. A primeira fase: Pré-Ceticismo

A fase anterior à adesão ao ceticismo é composta por cinco ensaios:

1. *Conflito das filosofias* (1968)
2. *Prefácio a uma Filosofia* (1975)
3. *A Filosofia e a Visão Comum do Mundo* (1979)
4. *Saber Comum e Ceticismo* (1986)
5. *Ceticismo e Mundo Exterior* (1986)

Esses cinco textos têm características semelhantes, mas devem ser vistos como uma filosofia que se desenvolveu ao longo de 20 anos. Uma filosofia pensada em uma evolução, conforme nota o próprio Porchat, organizando o seu itinerário filosófico:

É como se houvesse um tempo lógico da instauração filosófica. Descoberta do conflito das filosofias, experiência de sua indecidibilidade, tentação do ceticismo, renúncia à filosofia, redescoberta da vida comum, silêncio da não-filosofia, promoção filosófica da visão comum. Uma sequência ordenada de etapas que não vejo como se pudesse logicamente dispensar (*A Filosofia e a Visão Comum do Mundo*, 1979, p.71).

Essa ideia, apesar de ser anterior aos artigos de 1986, os últimos desta primeira fase, é um retrato do seu percurso anterior ao ceticismo, sendo este marcado por três aspectos: a) o conflito das filosofias, b) a recusa do ceticismo e c) a promoção filosófica da vida comum. Passaremos agora a analisar tais aspectos.

a. *O conflito das filosofias*

Porchat escreve na primeira pessoa do singular, muitas vezes intercalando um relato teórico a um elemento autobiográfico. Esse tipo de escrita faz com que as teses filosóficas não sejam apenas construtos teóricos a serem debatidos e analisados, mas teses com consequências práticas para a sua visão de mundo e da filosofia. Unido a este aspecto Porchat utiliza uma leitura muito específica dos textos filosóficos, o *estruturalismo*, o que

acaba por gerar uma enorme dificuldade para a filosofia. Cabem algumas palavras sobre esta metodologia de leitura.

Tendo estudado na França nas décadas de 1950-60, Porchat foi aluno dos principais estruturalistas, como Victor Goldschmidt e Martial Gueroult, os quais acreditavam que a leitura de um texto deveria ser feita a partir *apenas* do que o próprio autor explicitamente menciona. Sobre este método Porchat diz assim:

[Deve-se fazer uma leitura] que consiste na reconstituição explícita do movimento do pensamento do autor, refazendo seus mesmos caminhos de argumentação e descoberta, segundo seus diversos níveis, respeitando todas as suas articulações estruturais, *reescrevendo*, por assim dizer, *segundo a ordem das razões, a sua obra*, sem nada ajuntar, entretanto o que o filósofo não pudesse e devesse assumir como explicitamente *seu*. E sem esquecer um só instante que as "asserções de um sistema não podem ter por causas, ao mesmo tempo próximas e adequadas, senão razões, e razões conhecidas do filósofo e alegadas por ele (*in* GOLDSCHMIDT, 1963, p.6-7).

Essa maneira de ler a filosofia acaba por colocar os sistemas filosóficos em um embate total, onde cada um dos filósofos constrói uma realidade que não pode ser conciliada com a de outros. Nesta comparação entre as várias filosofias e seus argumentos à luz do estruturalismo, ele chega ao seguinte impasse:

Duas filosofias em contato são sempre dois mundos que se enfrentam, visceralmente incompatíveis e ordenados sempre à negação um do outro. ("Conflito das filosofias" 1968, Pág. 21)

Mesmo que este argumento tenha surgido de sua leitura estruturalista, esse sentimento de incompatibilidade é muito comum naquele que estuda filosofia; o que o estruturalismo faz é deixar mais clara as dificuldades ao colocar lado a lado os argumentos. A sensação é que não há escapatória, não há como decidir qual filosofia é a correta, e assim caímos irremediavelmente no que os cétricos antigos chamavam de *diaphonia*: um sentimento de indecisão dada a multiplicidade de opiniões.

Seu relato em primeira pessoa reunido ao estruturalismo cria uma visão de um conflito muito particular e pessoal para o fazer filosófico. E é neste contexto que a atração ao ceticismo começará a ser percebida e também combatida.

b. A recusa ao ceticismo

Aparentemente a resposta mais óbvia à *diaphonia* seria o ceticismo, afinal a multiplicidade irreconciliável das teses poderia parecer fadada a uma dúvida quanto à própria possibilidade do fazer filosófico (inclusive tal seria uma versão da própria saída cética). Mas, para Porchat, o ceticismo não faz sentido. Ele diz assim:

Nunca pude compreender como lhes seria possível dizer sem asserir. Nem pude aceitar sua proposta filosófica de uma investigação continuada. Por que prosseguir na busca, quando nenhuma esperança se justifica e nada mais se tem que a experiência repetida do fracasso? A *ataraxia* cética, eu fui incapaz de atingi-la (*Prefácio a uma Filosofia*, 1975, p.31).

A questão se coloca em primeira pessoa. Conforme o texto acima, o ceticismo não parece uma possibilidade efetiva para o fazer filosófico *dele*. Esse argumento é bastante conhecido entre os céticos e já era relatado desde os primórdios do ceticismo de Pirro. O fato é que o cético é pensado erroneamente, como mais tarde ficará claro, como alguém que não tem crenças sobre o mundo e por isto não consegue viver nele, o que torna o ceticismo impossível. Assim, para Porchat, o ceticismo não poderia ser experimentado em primeira pessoa, sendo apenas uma ilusão não sincera da filosofia.

Mas não apenas isso, para ele, especialmente no ensaio de 1978, *A Filosofia e a Visão Comum do Mundo*, o ceticismo é pensado como uma filosofia *negativa*, pois seria uma filosofia que nega a possibilidade da verdade. Mais tarde nos dois artigos de 1986, o ceticismo é apontado por ele como o iniciador da filosofia mentalista, típica da modernidade, e por isso, não apenas o ceticismo tem uma forte tendência negativa acerca da verdade, mas também está carregada de pressupostos, como a distinção mente e corpo.

Com tantos problemas, indo da impossibilidade de realização no indivíduo ao mentalismo, o ceticismo não era uma possibilidade real para ele. Resta então a recusa ao ceticismo.

c. *A promoção filosófica da vida comum*

Mas se o ceticismo não pode responder às dificuldades que o conflito de filosofias levanta, como podemos continuar a desenvolver nossas reflexões? Para evitar uma possível aporia em seu pensamento, Porchat sugere então que devemos caminhar para o que ele chama de uma “promoção filosófica da vida comum”. Ele diz assim:

Eis que ele se decide, então, a promover filosoficamente a visão comum do Mundo, convertendo-a em base firme para uma visão filosófica do Mundo. Ele lhe confere a cidadania filosófica, dispõe-se a endossar as suas implicações e pressupostos. Assume, reflexivamente e em nível teórico, o que, na visão do homem comum, era o produto de uma atividade quase sempre espontânea. Assume, decidida e confessadamente, as certezas e as evidências da visão comum como certezas e evidências filosoficamente legítimas. Aceita como real, do ponto de vista de uma semântica filosófica, isto é, no sentido metafísico e forte do termo, o que se impõe como real à visão comum. Aceita as verdades da visão comum como verdades filosóficas. E assim outorga às verdades “práticas” e às certezas “morais” da visão comum o estatuto de verdades e certezas teóricas. Ele o faz com a mesma segurança tranquila, com a mesma convicção e firmeza que o homem comum sustenta a visão comum do Mundo. O novo filósofo assume essa visão comum como conhecimento,

reconhece-a como um saber (*A Filosofia e a Visão Comum do Mundo*, 1979, p.54-55).

Saindo do conflito das filosofias, o filósofo adere à visão comum do mundo. Não se trata, de aceitar uma visão não consciente, mas sim uma que compreenda que existem certos elementos comuns a todos nós, elementos estes que podem ser a base de uma filosofia partilhada por todos.

Tal partilha ocorreria por meio do que Porchat chama de “mobiliário comum”³, conceito que na obra dele é um tanto vago, e parece querer indicar crenças muito básicas aceitas por todos. Em outro texto nós sustentamos que este mobiliário poderia ir de “reações humanas fundadas em padrões naturais e biológicos, como nos alimentarmos, sentirmos frio ou calor; [e] também (...) processos da natureza, como a relação causal”⁴. Mas apesar da pouca clareza de nosso autor, o que ele quer é sustentar que há uma visão que é comum e compartilhada, e é acerca desta visão comum que o filósofo se debruçará. O trabalho do filósofo será o de analisar o que há de comum em nosso pensamento e a partir daí elaborar uma espécie de “filosofia da visão comum”, uma que nos permita compreender melhor quais são nossos pressupostos⁵.

d. Uma conclusão da fase não cética

Os artigos de 1968 até 1986 parecem oscilar entre o conflito de filosofias e uma filosofia propositiva a partir de uma visão comum do mundo. De fato, esse primeiro momento é de fato oscilatório, o que revela um pensamento vivo e que está sempre se desafiando. Mas em 1991 Porchat muda de posição, abraçando uma tese que até então ele recusara, o ceticismo.

3. A segunda fase: Neopirronismo

Em 1991, ao escrever o artigo *Sobre o que aparece*, Porchat dá um início a um novo momento em sua filosofia: o *neopirronismo*. Essa é uma fase cética, mantida até hoje, e é composta pelos seguintes artigos:

1. *Sobre o que Aparece* (1991)
2. *Ceticismo e Argumentação* (1993)
3. *Verdade, Realismo, Ceticismo* (1995)
4. *O Ceticismo Pirrônico e os Problemas Filosóficos* (1996)

³ Cf. *A filosofia e Visão Comum do Mundo*, 1979, p.50-52.

⁴ PETERSEN, 2017, p.101.

⁵ Essa “visão comum” seria análoga à filosofia do “senso comum” de autores como Moore? Porchat parece querer se afastar desta comparação direta, justamente porque em Moore parece haver a busca por uma justificação desta visão comum, sendo que em Porchat apenas haveria um exame. No entanto, em nossa opinião, essa tese de Porchat seria um tipo de filosofia do senso comum, uma com pretensões mais modestas.

5. *Ainda é Preciso ser Cético* (2001)
6. *O Argumento da Loucura* (2003)
7. *A Autocrítica da Razão no Mundo Antigo* (2005)
8. *Empirismo e Ceticismo* (2005)

Mas por que se deu tal mudança? Em nosso livro *A Narrativa Neopirrônica* especulamos⁶ sobre essa mudança de posição. Aqui, de modo breve, é importante destacar dois aspectos: a atividade docente e um germe cético já presente na fase anterior ao ceticismo.

Acerca da atividade acadêmica é dito em uma nota de rodapé⁷ do artigo “Sobre o que Aparece” que é a partir de um debate com dois alunos, Eva e Inada, que ele foi levado a reconsiderar suas concepções sobre o ceticismo. Isso provavelmente porque Porchat acreditava que o ceticismo era negativo porque *negava* a possibilidade da verdade, tese esta que o ceticismo de Sexto Empírico, o pirronismo, nunca manteve. Além disso, outros, à época alunos de Porchat como Smith e Bolzanni, estavam fazendo pesquisas ao redor do ceticismo antigo e moderno, o que também favoreceu a uma leitura menos negativa do ceticismo.

Quanto à ideia de já haver um germe cético em Porchat antes de 1991, não é difícil notar. Ideias como o conflito de filosofias, a *diaphonia* e a vida comum são temas dos céticos antigos. Apesar da abordagem dele ter sido inicialmente contrária àquela dos céticos, Porchat desde cedo articulava temas céticos em sua filosofia. Neste sentido a adesão ao ceticismo pode ser vista como uma implicação de algumas de suas posições inicialmente defendidas.

Somando o debate com os seus alunos, uma revisão do ceticismo antigo, uma orientação prévia para o debate cético e o posicionamento questionador pessoal de Porchat para com ele mesmo, notamos que uma vez que ele tenha percebido que o ceticismo era a opção inevitável, não havia como se manter como antes.

Dividiremos nossa exposição do aspecto cético de Porchat em duas partes: um lado combativo do ceticismo e um lado propositivo. Tudo isto pode ser visto de modo geral como o seu *neopirronismo*. No entanto, utilizaremos um nome para cada um destes dois aspectos: o lado combativo será chamado de *neopirronismo* e o lado positivo pode ser chamado por outro termo usado por Porchat: *empirismo cético*. Vejamos o significado destas terminologias.

Ao usar o termo *neopirronismo*, Porchat desejava se aproximar da tradição dos céticos antigos, especialmente de Sexto Empírico. Ele traz assim várias concepções próprias dos pirrônicos, como a ideia do “fenômeno”, as “antinomias” e os “modos”. Isso não quer dizer que Porchat precisará seguir de perto todo o pirronismo⁸, uma vez que o

⁶ PETERSEN, 2017, p.103-106.

⁷ PORCHAT, *Sobre o que Aparece*, 1991, p.130, nota 8.

⁸ Porchat diz: “Eis por que me permito dizer que o pirrônico de nossos dias não tem a obrigação de preservar a todo o custo tal ou qual formulação antiga, no limite nem mesmo tem de privilegiar,

seu propósito é atualizar o pirronismo. Já por “empirismo cético”⁹ Porchat quer dar um rumo propositivo para o seu neopirronismo. Ainda temos o pirronismo, mas agora o antigo conceito cético de “fenômeno” ganha ares mais reflexivos, buscando uma compreensão das pressuposições e consequências de se aceitar o fenômeno. A partir de agora veremos estes dois aspectos do seu ceticismo.

a. *O lado combativo do neopirronismo*

Como comentamos acima, alguns dos elementos céticos já estavam presentes na sua fase pré-cética. Destes o mais importante é a ideia do “conflito de filosofias” que agora é abraçado integralmente a partir da *diaphonia* cética. Ele diz o seguinte em *Sobre o que Aparece*:

(...) o que [a filosofia] nos descobre é uma extraordinária diversidade de posições e pontos de vista, totalmente incompatíveis uns com os outros e nunca conciliáveis. (...) Sobre coisa nenhuma se põem os filósofos em acordo, nem mesmo sobre o objeto, a natureza ou o método do próprio empreendimento de filosofar. (*Sobre o que Aparece*, 1991, p.118).

Em nossa opinião, esse trecho poderia estar presente, sem problemas, em seu artigo *Conflito de Filosofias*, de 1968. A diferença é que Porchat agora parece aceitar com tranquilidade que deste conflito decorre a suspensão do juízo, ou seja, a impossibilidade de decisão com a consequente adesão ao ceticismo.

Para além do conflito inicial e mais geral entre as filosofias, agora já como um cético, é perfeitamente compreensivo o próximo passo: a busca por estratégias mais específicas para a refutação do dogmático, agora se utilizando das ferramentas dos céticos. É neste sentido que Porchat traz dois elementos céticos: as antinomias e os “modos ou tropos”. Vejamo-los.

A antinomia é uma estratégia inicialmente sofística que consiste na *habilidade* de opor a todo discurso um discurso oposto, com o objetivo de demonstrar a relatividade das posições. Mas para o cético a antinomia era mais radical: ela indicava que não havia como

como se fosse intocável, o mesmo vocabulário do aparecer. De fato, não vejo porque abandoná-lo” (*Ainda é Preciso ser Cético*, 2001, Pág. 63).

⁹ Porchat diz: “Tendo em mente essa valorização da empiria – perdoe-se-me o neologismo – e o primado que esta necessariamente assume na visão cética do mundo, podemos, parece-me, falar de um empirismo cético. Pois o cético não vê como poderia a razão consistentemente aventurar-se além da empiria e transcendê-la, ele chama precisamente de “dogmáticas” as aventuras verbais que desastrosamente tentam operacionalizar uma tal transcendência. Todo o nosso saber é saber do fenômeno, isto é, é saber empírico, *empeiría*. Essa se descobre como a necessária referência de todo o discurso cognitivo. Mas se trata de um empirismo sem dogmas. Por em xeque uma razão dogmática e privilegiar a empiria são as duas faces de uma mesma moeda”. (*Ainda é preciso ser cético*, 2001, p.266).

se decidir acerca da correção, daí a suspensão do juízo. Para Sexto Empírico, a elaboração de antinomias era a *habilidade*¹⁰ própria do pirrônico.

Já os “tropos” ou “modos” são coletâneas de argumentos construídos (ou coletados) pelos céticos antigos, sendo duas destas coletâneas as mais importantes, a saber, os “Dez Modos”, de Enesidemo e os “Cinco Modos”, de Agripa. Estes eram argumentos previamente construídos para serem usados em situações determinadas. Eram como remédios ministrados pelo cético ao dogmático submetido a uma enfermidade filosófica específica. Apesar de os modos serem muito importantes no ceticismo antigo e de Porchat reconhecer a importância deles, ele não faz um uso extensivo deles. Isso ocorre porque a maioria dos artigos de Porchat são programáticos, e não artigos que têm o objetivo de refutar uma cepa específica dos dogmáticos.

Desta maneira o lado combativo do ceticismo de Porchat, marcado pelas antinomias e os modos é um tanto aberto, indicando as possibilidades para os céticos, mas fazendo um ataque mais geral do que específico. No entanto, o lado positivo do pirronismo de Porchat terá um alcance maior. Vamos a ele.

b. O lado propositivo do neopirronismo: empirismo cético

O lado propositivo da filosofia de Porchat é marcado pela sua análise do conceito de “Fenômeno” no ceticismo de Sexto Empírico. No contexto do ceticismo antigo, tínhamos com frequência a acusação feita por filósofos de diferentes orientações de que a argumentação cética, por conduzir à suspensão do juízo, levaria o cético à impossibilidade de ação. Para responder a esta interpelação, o pirrônico indicava que o cético duvidava *apenas* das teorias¹¹ propostas a partir dos fenômenos e não acerca dos fenômenos eles mesmos. Assim, o cético suspende o juízo sobre se a natureza da dor é ser boa ou ruim, mas o cético não duvida daquilo que lhe aparece em um dado momento acerca da dor, se essa é boa ou ruim. Neste sentido, aquilo que lhe aparece é chamado pelo cético de “fenômeno”, sendo também aceito Porchat desta maneira:

Continuo a ver, a sentir, num certo sentido também a pensar como dantes. Em outras palavras, a *epokhé* em nada afetou – mas como poderia ter afetado? – o conteúdo, por assim dizer, imediato de minha experiência cotidiana. Essa experiência e esses conteúdos, eu os tenho e não posso recusá-los; os homens todos têm experiências como essa e não as recusam nem podem recusar, todos as reconhecem sem mais. Isso que não podemos rejeitar, que se oferece irrecusavelmente a nossa sensibilidade e entendimento – se nos permitimos lançar mão de uma terminologia filosófica

¹⁰ SEXTO EMPÍRICO. *Hipotiposes Pirrônicas*, Livro 1, §1.

¹¹ Há um importante debate no ceticismo antigo acerca da extensão da suspensão do juízo. Autores como Barnes e Frede têm disputado se Sexto Empírico suspenderia o juízo sobre todas as coisas ou apenas sobre as crenças teóricas. Não entraremos nos méritos deste debate, mas Porchat certamente parece supor que os pirrônicos suspendem o juízo apenas sobre o discurso acerca da natureza das coisas e não a respeito do discurso sobre o fenômeno.

consagrada –, é o que os cétricos chamamos de “fenômeno” (*tò phainómenon*, o que aparece) (*Sobre o que Aparece*, 1991, p.123).

O fenômeno inclui aspectos subjetivos, como a percepção da dor e da fome, mas também aquilo que percebemos intersubjetivamente, como as leis e as nossas tradições, sendo que tais aspectos subjetivos e intersubjetivos são todos tomados sem se dogmatizar sobre sua natureza. Novamente essa ideia é precisada em Porchat a partir do que os pirrônicos, na voz de Sexto Empírico, afirmavam ser os “critérios de ação” do cétrico. Porchat os resume assim:

Em primeiro lugar, seguimos, por assim dizer, a orientação da natureza, servindo-nos espontaneamente de nossos sentidos e de nosso intelecto; cedemos também, como não poderia deixar de ser, à necessidade das afecções e de nossos instintos; de um modo geral, nos conformamos à tradição das instituições e costumes, inseridos que estamos em um contexto social cultural; finalmente, adotamos os ensinamentos das artes (*tékhnai*) desenvolvidas por nossa civilização e incorporadas ao cotidiano da vida em sociedade. Nosso uso da linguagem comum se amolda obviamente a todas essas dimensões do cotidiano em que estamos mergulhados e nos sinaliza a profundidade de nossa inserção nele (*Ceticismo e Argumentação*, 1993, p.134).

O ponto importante para filosofia de Porchat é que com os critérios de ação começamos a compreender melhor a natureza do fenômeno, neste caso, a sua abrangência. Podemos dizer que estes quatro critérios são o início da classificação dos fenômenos, ao abarcarmos a sua origem e como ele nos persuadem. E é justamente na expansão desta investigação que o empirismo cétrico nasce e também onde Porchat parece se afastar um pouco dos pirrônicos, justificando a nomenclatura de *neopirrônico*. Mas que “empirismo” é esse?

Certamente não podemos atribuir aos cétricos antigos a ideia de serem “empiristas”, nem mesmo podemos dizer que há apenas um tipo de empirismo naquele momento. Já Porchat parece se aproximar do empirismo contemporâneo, aquele aos moldes de Quine e não o empirismo moderno do tipo britânico. O chamado empirismo britânico, de autores como Bacon, Locke e Hume, apesar de ser muito importante, carrega em si pressuposições problemáticas, como o fundacionismo, o reducionismo e o “véu das ideias”. Contra todo este pacote dogmático do empirismo britânico, Porchat se refere a um “empirismo sem dogmas”, claramente inspirado pelo empirismo de Quine, que é não reducionista, não fundacionista e que percebe a importância da relação da experiência com a comunidade para a determinação dos significados. A partir deste empirismo quineano é que Porchat diz assim:

Tendo em mente essa valorização da *empíria* – perdoe-se-me o neologismo – e o primado que esta necessariamente assume na visão cétrica do mundo, podemos, parece-me, falar de um *empirismo* cétrico. Pois o cétrico não vê como poderia a razão

consistentemente aventurar-se além da *empíria* e transcendê-la, ele chama precisamente de “dogmáticas” as aventuras verbais que desastrosamente tentam operacionalizar uma tal transcendência. Todo o nosso saber é saber do fenômeno, isto é, é saber empírico, *empeiría*. Essa se descobre como a necessária referência de todo o discurso cognitivo. Mas se trata de um empirismo sem dogmas. Pôr em xeque uma razão dogmática e privilegiar a *empíria* são as duas faces de uma mesma moeda (*Ainda é preciso ser cético*, 2001, p. 266).

Como Porchat sugere ao final da citação, parece haver uma estreita relação entre o empirismo e o ceticismo, relação esta que não é estranha ao mais importante dos céticos modernos, Hume. Focando-nos no modo que Porchat apresenta seu empirismo cético percebemos que o seu ponto é que o cético ao questionar o dogmático e pôr em dúvida as afirmações daqueles sobre a natureza das coisas, fica apenas com aquilo que lhe aparece, com a experiência – e é neste sentido que ele é um empirista.

De todo modo, tal valorização da empiria conduzirá Porchat a aproximar o ceticismo do ramo mais empirista da filosofia atual, à filosofia analítica e suas temáticas, como podemos ver no seu artigo de 1995 *Verdade, Realismo, Ceticismo*, em que ele apresentará uma maneira de articular ceticismo e filosofia analítica ao redor da busca da verdade.

Tal postura empirista, e por que não um ceticismo com um *viés* analítico, permitirá que o nosso filósofo apresente o que ele chamará de uma “Filosofia Cética”:

Que é, então, conforme aquela segunda face do pirronismo (a face positiva), o filósofo cético? É o filósofo que, conduzido à suspensão de juízo sobre os discursos da filosofia especulativa, descobre no espaço do fenômeno e da vida comum o lugar da prática filosófica. Vive a experiência do mundo e constrói e aperfeiçoa a sua visão do mundo a partir dos recursos que lhe fornece essa experiência, vê-se obrigado a conferir à ação o primado que antes conferia à razão puramente teórica, substitui a *epistème* pela *tékhnè*, se reconhece como membro de um “nós” que se estende a toda a raça dos homens, fazendo de seu discurso um instrumento a serviço do que é útil e bom para a humanidade (*O ceticismo pirrônico e os problemas filosóficos*, 1996, p. 268).

À primeira vista parece ser curioso dizer que há uma “filosofia cética”. Mas não é nada estranho ao ceticismo. Sexto Empírico classificava o ceticismo como a única real filosofia, e aqueles que supõem terem encontrado a verdade e aqueles que acreditam que não será possível encontrá-la são dogmáticos, não filósofos. Nesse sentido, pela contínua investigação o cético passa a ser o único filósofo. Assim, podemos tranquilamente falar em uma filosofia pirrônica. Mas, em Porchat, em que consiste uma filosofia cética?

Nossa hipótese é que temos uma filosofia pensada em quatro aspectos. O primeiro deles é supor a filosofia como uma investigação (*sképsis*) permanente: ao nos lembrar que o cético é aquele que investiga, a filosofia investiga o fenômeno, querendo compreender

sua natureza, origem e pressuposições. O segundo aspecto da filosofia cética é a primazia do fenômeno: o cético aceita, de modo não dogmático, aquilo que lhe aparece, aliando a visão cética ao empirismo. O terceiro aspecto está em complementaridade com o segundo e estabelece a importância da intersubjetividade fenomênica: na medida em que o fenômeno não é estabelecido pelo indivíduo em isolado, uma vez que inclui os valores e educação, o cético valoriza o aspecto comunitário dos significados que lhe aparecem. Por fim é colocada a importância da *tekhnè*: em oposição à teorização sobre a natureza, o cético opta pela técnica, pela descrição do mundo natural. Esse ponto é talvez o mais delicado de todos. Em um espírito newtoniano o cético não faz hipóteses sobre a natureza dos fenômenos, apenas os narra: é tal como o famoso *Hypotheses non fingo*¹² de Isaac Newton. É a partir destes quatro aspectos que a filosofia cética de Porchat se articulará.

c. Conclusão da segunda fase

O neopirronismo de Porchat se apresenta a partir de aspectos combativos e positivos em uma filosofia que é uma retomada do ceticismo antigo, mas agora sob uma nova ótica que habilita que o pirrônico se adapte aos desenvolvimentos da filosofia atual.

Conclusão

A filosofia de Oswaldo Porchat é uma das mais ricas já construídas no Brasil. Ela não tem o objetivo de ser apenas uma releitura do passado, mas é construída a partir do passado com um foco no presente.

A própria existência de duas fases de sua filosofia já nos revela como Porchat percebe a filosofia como sendo um empreendimento sincero e disposto a se rever. Assim, não é apenas pelo aspecto teórico que o neopirronismo de Porchat se destaca, mas também porque é uma filosofia que se coloca na busca da verdade, mesmo que apenas no horizonte da possibilidade.

Bibliografia

Caro leitor, essa bibliografia se pretende como uma coletânea dos principais artigos acadêmicos sobre Porchat.

ALBIERE, Sara. “Razão, Natureza e Neopirronismo, a propósito de “Verdade, Realismo, Fenômeno” de O. Porchat”. In: *O que nos faz pensar*. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Junho de 1997, p.85-90.

¹² Para maiores detalhes sobre a relação do neopirronismo e a técnica, vejo o meu artigo “O ceticismo e as restrições não conceituais da razão”.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento Frances de Ultramar: estudos sobre a formação da cultura filosófica uspiana (uma experiência nos anos 60)*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

BARRIO, Eduardo. “Desacordos Lógicos, ceticismo e transmissão da verdade”. In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

BENSUSAN, Hilan. "O lugar da suspensão do juízo: neopirronismo e ontologia da dúvida". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

BOLZANI, Roberto. “Ceticismo como autobiografia e autoterapia”. In: SILVA Filho, Waldomiro J. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005.

_____. “Ceticismo e Empirismo”. In: SMITH, Plínio; SILVA FILHO, Waldomiro J. *Ensaio sobre o ceticismo*. São Paulo: Alameda, 2007.

_____. "A epokhé cética e seus pressupostos". In: *Sképsis*. Ano 2, N.3-4, p.7-27.

_____. “Oswaldo Porchat, a filosofia e algumas ‘necessidades de essência’”. In: SMITH, Plínio; WRIGLEY, Michael. *O Filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: Unicamp, 2003. Coleção CLE; 36.

CARVALHO, Marcelo. "O rigor da dúvida: Porchat e o argumento da loucura". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

DUTRA, Luiz Henrique. “Neopirronismo na Filosofia da Ciência”. In: *O que nos faz pensar*. Cadernos do Departamento de Filosofia da PUC-Rio, Junho de 1997, p. 91-106.

EVA, Luiz Antônio. “O primeiro cético (acerca da coerência do pirronismo)”. In: SILVA Filho, Waldomiro J. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

_____. “Filosofia da Visão Comum de Mundo e Neopirronismo: Pascal ou Montaigne”. In: SMITH, Plínio; WRIGLEY, Michael. *O Filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: Unicamp, 2003. Coleção CLE; 36.

_____. “Neopirronismo e Estruturalismo”. In: SMITH, Plínio; SILVA Filho, Waldomiro J. *Ensaio sobre o ceticismo*. São Paulo: Alameda, 2007, p.91-106.

FARIA, Paulo. “A encenação.” In: *Sképsis*. Ano 1, N 2. Págs. 99 a 130. 2007

FERRAZ Junior, Tércio. “A filosofia como discurso aporético.” In: PRADO Júnior, Bento; PEREIRA, Oswaldo Porchat. *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: 1981.

GIANNOTTI, José. “Oswaldo Porchat de Assis Pereira da Silva – Professor Emérito”. In: SMITH, Plínio; WRIGLEY, Michael. *O Filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: Unicamp, 2003. Coleção CLE; 36.

GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. Trad. Ieda Porchat Pereira e Oswaldo Porchat Pereira. São Paulo: 1963.

LESSA, Renato. *Agonia, aposta e ceticismo: ensaios de filosofia política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

_____. *Veneno Pirrônico*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1997.

MARCONDES, Danilo. "Ceticismo, Filosofia cética e linguagem". In: SILVA Filho, Waldomiro J. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

MARCONDES, Danilo. "Introdução". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

OLASO, Ezequiel de. "Zétesis". In: *Sképsis*. Ano 1, N.2, p.7-35.

PEREIRA, Roberto Horácio Sá. "Naturalismo e Ceticismo". In: *Sképsis*. Ano 1, N.2, p.69-97.

_____. "Dogma versus Fenômeno: Neopirronismo ou Trancendentalismo". In: SMITH, Plínio; WRIGLEY, Michael. *O Filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: Unicamp, 2003. Coleção CLE; 36.

PEREIRA, Roberto. "O realismo inocente contra o neopirronismo". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

PETTERSEN, Bruno. "A argumentação do cético: Porchat e o pirronismo hoje". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

_____. *A Narrativa Neopirrônica*. Curitiba, Editora Prismas: 2017.

_____. "O ceticismo e as restrições não conceituais da razão"

PINTO, Paulo Margutti. "Há Problemas Filosóficos? Uma avaliação da Resposta do Pirronismo". In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v.3, p.159-178, 1996.

_____. "O Neopirronismo, os Problemas Filosóficos e o Pragmatismo". In: *Principia*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p.307-340, 1999.

_____. "Sobre a natureza da filosofia: Wittgenstein e o Pirronismo". In: *Kriterion*, v.35, n.93, jan a jun de 1996, p.164-183.

PRADO Júnior, Bento. "Por que rir da filosofia?" In: PRADO Júnior, Bento; PEREIRA, Oswaldo Porchat. *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: 1981.

PORCHAT, Oswaldo. *Rumo ao Ceticismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

_____. "Bate-papo estudantes sobre o estudo de filosofia na universidade brasileira". In: SILVA Filho, Waldomiro J. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

_____. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: UNESP, 2001.

_____. "Discurso de Professor Emérito da FFLCH-USP". In: SMITH, Plínio; WRIGLEY, Michael. *O Filósofo e sua história: uma homenagem a Oswaldo Porchat*. Campinas: Unicamp, 2003. Coleção CLE; 36.

_____. Entrevista - "Oswaldo Porchat, 1993" In: NOBRE, Marcos; REGO, Jose Marcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Editora 34, 2000.

PIVA, Paulo. "Manifestos Neopirrônicos". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

SCHVARTZ, Vitor. "Porchat, sua interpretação de Sexto e um possível neopirronismo rústico". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

SILVA Filho, Waldomiro. "Externalismo, Autoconhecimento e Ceticismo". In: SMITH, Plinio; SILVA FILHO, Waldomiro J. *Ensaio sobre o ceticismo*. São Paulo: Alameda, 2007.

SMITH, Plínio. "Ceticismo, filosofia e visão comum". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

_____. "Wittgenstein e o Pirronismo: sobre a natureza da filosofia". *Analytica*, 1993 (1), p.153-186.

_____. "Razões comuns". In: *Neopirronismo de Oswaldo Porchat*. Org. Plínio Smith. São Paulo, Alameda, 2015.

_____. *O ceticismo de Hume*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

_____. *O que é ceticismo*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

_____. "Oswaldo Porchat e o ceticismo no Brasil". In: <https://revistacult.uol.com.br/home/oswaldo-porchat-e-o-ceticismo-no-brasil/>. Acessado em 16-07-2017,

_____. "Davidson, externalismo e ceticismo." IN: SILVA FILHO, Waldomiro J. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2005.

_____. "Hesitações Filosóficas". IN: SMITH, Plinio; SILVA FILHO, Waldomiro J. *Ensaio sobre o ceticismo*. São Paulo: Alameda, 2007.

SOUZA, José Crisóstomo. "O Filósofo dos homens comuns e o professor democrático de Filosofia." In: SILVA Filho, Waldomiro J. *O ceticismo e a possibilidade da filosofia*. Ijuí, RS: Editora Unijuí, 2005.

Vídeos

Apesar de ser comum inserir os vídeos na Bibliografia acima, quero dar destaque aqui para duas falas de Porchat que estão disponíveis no *YouTube* e podem ser acessadas para uma compreensão da filosofia dele.

PORCHAT, Oswaldo. "Meu Ceticismo". In: <https://www.youtube.com/watch?v=gHOXJ6rRtCw>. Acessado em 16-07-2017.

_____. "Ceticismo e Empirismo". In: <https://www.youtube.com/watch?v=bxrjJxuVqwI>. Acessado em 16-07-2017.